DESPIR O MANTO... VESTIR O AVENTAL

Ensaio de eclesiologia da mulher no evangelho de João

Tea Frigerio

Tempo... espaço

É tempo de chuva, aqui nesta terra bendita e farta que é a Amazônia. Tempo de águas grandes.

Olhar a chuva que ora cai mansa, ora cai torrencial, me leva a pensar. Pensar no mistério da água. Água abundante. Água que enche os olhos. Água que corre rumo ao seu destino: o mar. Água controlada pelas margens. Água que rompe as margens, invade, alaga, muda a paisagem.

Água viva. Água que abriga uma multidão de seres vivos. Água que alimenta. Água que mata a sede. Água que limpa, lava. Água comunicação. Água... Água... Água...

Olhar a chuva, refletir sobre a água aqui na Amazônia sintoniza logo com o povo. Povo indígena, povo ribeirinho, povo caboclo. Povo que faz da água seu meio ambiente, que faz da água seu ganha-pão, que da água tira o alimento cotidiano. Povo que vive ao ritmo da maré, da água baixa e alta, da água enchente e vazante, das águas que se encontram: pré-maré, remanso, pororoca... Povo que faz da água sua rodovia.

Água beleza, água força, água comunicação, água viva. Água que, correndo, muda e é sempre igual. Água que guarda para nós o segredo da vida, a memória de outro jeito de viver, se organizar, se relacionar.

Água que me convida a ir em busca de outra memória. Memória que guardou para nós o mistério do encontro, o mistério das relações, o mistério da água, o mistério do amor, o mistério da vida.

Memória: ler, interpretar, penetrar

A comunidade dos discípulos e das discípulas amadas guardou para nós a memória de encontros. Encontros marcados, encontros provocados, encontros procurados, encontros gerados pela necessidade, dor, ausência, busca. Muitos desses encontros aconteceram com e pela presença das mulheres. Sobre eles queremos firmar nosso olhar, nosso ouvir, nosso tocar, nosso pensar, nosso amar.

a) Os textos e a tradição das mulheres

Apresentamos os textos que guardaram a memória da tradição da mulher na comunidade joanina.

João 2,1-12; João 19,25-27: tradição de Maria a mãe de Jesus

João 4,1-42: tradição da mulher da Samaria

João 8,2-11: tradição de mulheres injustiçadas pela lei (texto incluído posteriormente)

João 11,5-27: tradição de Marta – Lázaro

João 11,2.32-38: tradição de Maria – Lázaro

João 11,1.3-4.28-31.39-44: tradição de Marta, Maria, Lázaro (mão do redator que unifica as tradições)

João 12,1-8: tradição de Maria de Betânia

João 16,20-21: tradição do corpo da mulher

João 18,17: tradição da criada

João 20,1-2.11-18: tradição de Maria de Mágdala

b) As mulheres e os acontecimentos

Relacionando os textos onde há encontros das mulheres com Jesus, como hoje o evangelho de João no-los apresenta, percebemos o seguinte:

1. Maria a mãe em Caná
2. Samaritana junto ao poço de Sicar
3. Mulher acusada de adultério no Templo

4. Marta em Betânia

3a Maria em Betânia

2a Maria a mãe aos pés da cruz

1a Maria de Mágdala no jardim

Há um quiasma que tem seu centro na pessoa de Marta. Marta a mulher que na tradição das comunidades joaninas confessa Jesus como Cristo, enviado do Pai. Papel conferido a Pedro nos Evangelhos Sinóticos.

c) A presença das mulheres na tradição antiga

Parando o nosso olhar sobre a tradição antiga podemos ver que são sete os acontecimentos em que as mulheres são protagonistas ao lado de Jesus:

1. Maria a mãe
2. Samaritana
3. Marta – Lázaro
4. Maria – Lázaro
5. Maria
6. Maria a mãe
7. Maria de Mágdala

É consenso que o Evangelho de João é o evangelho dos sinais, não somente por apresentar os sete sinais, mas sua própria organização literária é sinal. Sinal também para a tradição antiga guardar a memória de sete acontecimentos tendo como protagonista ao lado de Jesus uma mulher.

d) As mulheres e a hora

Sabemos que no Evangelho de João a **hora** é muito importante. Vamos relacioná-la com a memória das mulheres.

No Livro dos Sinais 1,19–12,50: seis vezes é mencionada a **hora**:

1. Jo 2,4: "Respondeu-lhe Jesus: 'que queres de mim, mulher? Minha hora ainda não chegou'."

2. Jo 4,21: "Crê, mulher, vem a hora em que nem sobre esta montanha nem em Jerusalém adorareis o Pai."

3. Jo 7,30: "Procuravam, então, prendê-lo, mas ninguém lhe pôs a mão, porque não chegara a sua hora."

4. Jo 8,20: "Essas palavras, ele as proferiu no Tesouro, ensinando no Templo. E ninguém o prendeu, porque sua hora ainda não havia chegado."

5. Jo 12,23: "Jesus lhes respondeu: 'É chegada a hora em que será glorificado o Filho do Homem'."

6. Jo 12,27: "Minha alma agora está conturbada. Que direi? Pai, salva-me desta hora?"

Duas vezes é anunciada a hora na presença das mulheres. Duas vezes é afirmado que a hora ainda não chegou na ausência das mulheres. Duas vezes é anunciada explicitamente na presença dos discípulos. O anúncio da hora é feito na presença das amigas e dos amigos mais íntimos.

No Livro da Glorificação 13,1–20,31:

1. Jo 13,1: "Antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que chegara a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim."

2. Jo 16,21: "Quando a mulher está para dar à luz, entristece-se porque a sua hora chegou; quando, porém, dá à luz a criança, ela já não se lembra do sofrimento, pela alegria de ter vindo ao mundo um homem."

3. Jo 17,1: "Pai, chegou a hora: glorifica teu Filho, para que teu Filho te glorifique."

Jesus fala da sua hora no contexto pascal. O que era anunciado está para se realizar.

Jesus fala expressamente dela na presença das pessoas mais íntimas, e nesta intimidade identifica a sua hora com a hora da comunidade (Jo 16,20). Hora de Jesus. Hora da comunidade. Hora da mulher.

e) As mulheres e os líquidos

Ao analisar mais de perto os textos somos surpreendidas: o encontro de Jesus com as mulheres se dá sempre com a presença de líquidos:

- Em Caná água que se muda em vinho
- Em Sicar é a água do poço
- Em Betânia são as lágrimas e o perfume
- Ao Calvário é o sangue e água que sai do coração de Jesus
- No jardim da ressurreição reencontramos os óleos perfumados e as lágrimas

Em dois acontecimentos o líquido está contido: jarros, poço. Nas outras vezes ele é derramado, nada o contém.

No ritmo do corpo da mulher

"O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos, e o que nossas mãos apalparam da Palavra da vida" (1Jo 1,1).

A comunidade dos discípulos e das discípulas amadas afirma com força que fizeram e fazemos experiência da Palavra pelo corpo. Ouvir, ver, contemplar, apalpar a Palavra feita corpo em Jesus de Nazaré.

Corpo é linguagem. Corpo é relação. Corpo é metáfora.

Corpo de mulher que se encontra com a Palavra encarnada no corpo de Jesus de Nazaré. Memória guardada para segredar uma experiência perigosa.

Corpo de mulher símbolo, sinal, metáfora, linguagem.

Corpo que fala dos ritmos da vida no ciclo menstrual. Sangue que marca a hora da menina ser mulher. Sangue que marca o corpo da mulher em seu ritmo de vida: guardando o que poderá se tornar alimento; expelindo, não guardando, não acumulando quando não tem com quem partilhar.

Corpo grávido que ensina a viver e esperar a hora certa. Corpo que produz as águas fonte de vida. Corpo que se rompe, abre as águas para libertar a vida que acolheu, alimentou, defendeu, acarinhou durante nove meses.

Corpo que produz alimento assegurando a vida nos primeiros tempos num mundo desconhecido.

Corpo que aprende o preço a pagar para transmitir, gerar, defender, garantir a vida.

Corpo espaço habitável: útero materno, espaço interior de vida. Experiência de valores e limites. Experiência de infinitude e finitude.

Corpo tempo vivido. Ritmo escrito no corpo que marca o compasso, adverte que está apta para acolher e desenvolver a vida. Adverte que poderá ser fecundada. Não fará isso sozinha, mas, ao se abrir, ao optar, ao assumir a vida, será ela a viver esta experiência. Experiência de receptividade, acolhida, abertura, mutualidade, alteridade, reciprocidade, gratuidade.

Corpo espaço habitável, corpo tempo vivido na hora do parto marcada pelo romper das águas. Hora marcada de dor. Hora marcada para dar à luz. Hora marcada pelo risco de perder a vida para dar vida. Hora do êxodo. Hora da páscoa. Hora de passar...

Corpo de mulher, útero materno, hora do parto... Hora de experimentar a relação, a liberdade, o ágape.

Mulher é fluidez, corpo que produz líquidos: sangue, água, leite.

Sangue que para a mulher é ritmo, música, dança. Líquido que adverte estar pronto para acolher e dar vida; que fala de espaço fecundo, espaço habitável.

No ritmo do sangue enxerta a percepção que é só da mulher, percepção única da realidade: espaço e tempo. Espaço habitável, tempo de vida.

Cada mulher é espaço habitável encerrando em si o mistério da acolhida.

Cada mulher é espaço habitável: relação, reciprocidade: espaço oferecido e doado.

Cada mulher é ritmo de tempo encerrando em si o mistério da espera.

Cada mulher é ritmo de tempo, evolutivo, progressivo: tempo vivo e vivido.

Corpo espaço mistério de acolhida.

Corpo tempo mistério de espera.

Corpo espaço e tempo que o romper das águas anuncia que a espera terminou: a força da vida realizando mais uma vez o milagre: nasceu um ser humano.

Vida que desperta, que provoca o corpo que o acolheu a produzir novo líquido, o leite que alimenta, defende, infunde força para enfrentar o mundo, a realidade desconhecida.

Corpo que acolhe.

Corpo que se purifica periodicamente.

Corpo que nutre outro ser.

Líquidos... Espírito

Associo a chuva que ora cai mansa, ora cai torrencial, ao mistério da água, dos líquidos, dos fluidos.

Do ponto de vista físico o líquido possui características próprias: ***móvel,*** ninguém consegue segurá-lo; ***informe,*** pois assume a forma daquilo que o contém; ***dinâmico,*** corre, irrompe, carrega o que encontra, amansa formando lagoas, espelhando a beleza que viceja ao seu redor, fecundando; ***mutável,*** a fôrma que o acolhe molda o líquido assim como a temperatura o congela ou leva a ebulição, transformando-se em vapor, gelo, neblina, neve, geada. E, enfim, os líquidos têm a capacidade de unir e separar, de cobrir, apagar, esconder as pegadas.

O líquido evoca em nós o transbordar, o expandir, a abundância. Ele nos fala de dinamismo, vitalidade, encontro, transformação.

Contemplando a chuva que cai e fecunda a terra, meu pensar vai ao meu corpo de mulher, aos corpos de mulheres. Corpos assinalados pelos fluidos.

A linguagem dos líquidos na Bíblia vem carregada de significado: água, sangue, perfume, óleo, lágrimas...

Os líquidos evocam sempre algo que transborda, que se expande como o Espírito. "Assim fala o Senhor, que te fez, que te modelou desde o seio materno e que te ajuda: não tenhas medo, meu servo Jacó, o Reerguido, aquele que eu escolhi, pois derramarei água sobre o sedento, torrentes sobre a dessecada: derramarei o meu Espírito sobre a tua descendência, a minha bênção sobre os teus rebentos" (Is 44,2-3).

"Será derramado sobre nós o Espírito do alto. Então o deserto se transformará em vergel e o vergel será tido como floresta" (Is 32,15).

Os líquidos evocando o derramar do Espírito anunciam a era messiânica: "Iahweh será teu guia continuamente e te assegurará mesmo em terra árida; ele revigorará os teus ossos, e tu serás como um jardim regado, como uma fonte borbulhante cujas águas nunca faltam" (Is 58,11).

Era de abundância e fartura: "Ah! Todos que tendes sede, vinde à água. Vós que não tendes dinheiro, vinde, comprai e comei; comprai, sem dinheiro e sem pagar, vinho e leite" (Is 55,1).

Era de consolo, de carinho, de regozijo: "Alegrai-vos com Jerusalém, exultai nela, todos os que a amais; regozijai-vos com ela, todos os que por ela estáveis de luto, pois sereis amamentados e saciados pelo seu seio consolador, pois sugareis e vos deleitareis ao seu peito fecundo. Com efeito, assim diz Iahweh: Eis que vou trazer a paz como um rio e a glória das nações como uma torrente trasbordante. Sereis amamentados, sereis carregados sobre as ancas e acariciados sobre os joelhos..." (Is 66,10-11).

Era da nova aliança não mais exterior e sim escrita no íntimos das pessoas: "Borrifarei água sobre vós e ficareis puros... Dar-vos-ei um coração novo, porei em vosso íntimo um espírito, tirarei do vosso peito o coração de pedra e vos darei um coração de carne. Porei em vosso íntimo o meu espírito..." (Ez 36,24-27).

O corpo da mulher e a Palavra de Deus são Palavra de Vida.

Aprender a ler a linguagem do corpo da mulher nos ajuda a penetrar mais profundamente na linguagem da Palavra de Deus.

"E a esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado" (Rm 5,5).

Paulo, fiel ao pensamento profético, nos diz que o amor de Deus é derramado em nossos corações pelo Espírito que nos foi dado. Embora fiel ao pensamento profético, Paulo o amplia associando o derramar do Espírito à profusão do amor.

O derramar do Espírito transforma o deserto em terra fecunda.

O derramar do Espírito transforma a aridez em esperança amorosa.

A linguagem dos líquidos é linguagem de generosidade, de profusão, de dom sem cálculo como no amor.

O Evangelho de João, Boa Notícia veiculada pelos símbolos, nos centraliza na dinâmica do amor, na fluidez que une o Senhor a mulheres, discípulas amadas que exercem a *diakonia* de uma presença que transforma, que oferece um projeto inédito e revolucionário.

Diakonia que bebe ao poço da água viva. *Diakonia* que jorra água viva: "Se alguém tiver sede, venha a mim e beba. Aquele que crê em mim, conforme a palavra da Escritura: do seu seio jorrarão rios de água viva" (Jo 7,37-38).

Despir o manto... Vestir o avental

Água, sangue, leite, bálsamo, lágrimas, Espírito.

Espírito: unção, *diakonia*, ministério.

A memória dos encontros das mulheres com Jesus nos alcança.

Memória das Marias: Maria, a Mãe, a Mulher; Maria de Betânia, irmã de Lázaro; Maria de Mágdala.

Memória de Marta: intrépida na busca da saúde para o irmão; intrépida no crer.

Memória de samaritana, de adúltera: mulher excluída, marcada, mulher parceira, mulher vida nova.

Memória de encontros:

Encontros marcados pela presença de líquidos e fluidos.

Encontros marcados pela presença da água, do sangue, do espírito.

Encontro que apressa a hora na água e no vinho (Jo 2,1-12).

Encontro junto ao poço que marca a hora da universalidade (Jo 4,1-42).

Encontro banhado de lágrimas que geram a intrepidez do crer, a empatia do amor, a devolução da vida (Jo 11,1-44).

Encontro no cheiro do perfume que profetiza, antecipa e se torna evangelho da mulher em todo tempo e lugar onde este gesto for rememorado (Jo 12,1-8).

Encontro aos pés da cruz. Encontro na oblação e acolhida, no filho ofertado, no filho acolhido, no coração que se torna ventre gerador no sangue e na água (Jo 19,25-37).

Encontro no terceiro dia, no jardim.

Encontro molhado de lágrimas, de ausência, de procura. De repente o chamado, o reconhecimento.

Encontro com o Ressuscitado que envia a anunciar a vitória da Vida (Jo 20,11-18).

Encontros que marcam a hora de desvendar o mistério.

Mistério. Ministério do corpo da mulher assinalado pela fluidez, pelo transbordar do amor.

Ministério da antecipação, da universalidade, da empatia do amor, da profecia da gratuidade, da oblação geradora de vida, do anúncio da vitória da vida sobre a morte.

Fluidez que é dinamismo, abundância, encontro, transformação, vida.

Tem que nascer de novo, tem que nascer do alto (Jo 3,3).

A mulher como ninguém entra em sintonia com Jesus: ela entende de gestação, de parto, de nascimento. Ela vive em seu corpo a dor e a alegria do mistério da vida.

Vem, chegou o dia de adorar a Deus em espírito e verdade (Jo 4,23-24).

Quem tem um corpo que é habitação para outro corpo ao ouvir estas palavras compreende a religião da corporalidade. A religião que anuncia que o corpo humano é habitação do Espírito.

És renascida, vai e não peques mais (Jo 8,11).

Renascer, recomeçar – a mulher conhece este ritmo a cada mês: se preparar para acolher a vida. Se limpar e depois recomeçar de novo. O ritmo da vida a mulher conhece. Conhece agora! Quem está aí é alguém que não usa a lei em favor de seus interesses. Está aí a Lei do começo da vida nova, das novas relações.

Acredito! Tu és o Cristo! Tu és a ressurreição! (Jo 11,24-27).

Ousadia de mulher que quando ama rompe barreiras, preconceitos, penetra no âmbito exclusivamente masculino, ocupa espaços, assume, exercita o poder dando-lhe novo sentido: o sentido da vida.

E tendo amado os seus os amou até o fim (Jo 13,1).

Amor sem medida: quebra o vaso, derrama o bálsamo, perfuma a casa inteira. Cheiro que até hoje nos perfuma. Cheiro que anuncia, profetiza a radicalidade, a totali-

dade do amor. Amor que sintoniza com o amado intuindo até o mais profundo seu sentir, seu projetar, seu esperar.

Mulher, eis teu filho! (Jo 19,26).

Amor materno que se faz oblação. Amor materno que se faz útero que acolhe os filhos gerados pelo Filho. Amor materno que ensina ao coração do Filho a se tornar útero que gera, gesta, dá à luz. Do coração aberto pela lança saiu sangue e água (Jo 19,34).

Mulher, por que choras? Mulher, a quem procuras? Mulher... Maria! (Jo 20,15-16).

No jardim Eva, a mãe dos viventes. No jardim Maria de Mágdala chora, busca, escuta a voz. Ouve um chamado, um nome. Nome novo, nome da nova mulher: apóstola de apóstolos.

"Quando a mulher está para dar à luz, entristece-se porque a sua hora chegou; quando, porém, dá à luz a criança, ela já não se lembra dos sofrimentos, pela alegria de ter vindo ao mundo um ser humano" (Jo 16,21).

A mulher conhece em seu corpo o mistério da "hora". Ao se encontrar com Jesus, leva-o a experimentar a "hora". E Jesus:

• Antecipa sua hora por causa da mulher (Jo 2,4).

• Anuncia a nova hora ao se encontrar com a Samaritana (Jo 4,21).

• Identifica sua hora com a hora da mulher (Jo 16,21).

A hora de Jesus é a hora da cruz. A hora em que do seu coração vai jorrar sangue e água. A hora do romper das águas para dar à luz o novo homem e a nova mulher, para dar à luz a nova comunidade.

A hora de Jesus se torna a hora dos discípulos e discípulas amadas. A hora de despir o manto e vestir o avental para ser a comunidade que realiza os mesmos sinais de seu Senhor e Mestre (Jo 13,12-15).

A hora da mulher segredar, comunicar às Igrejas sua experiência única, intransferível: a de ser mulher real, verdadeira, ser simbólico, místico, a de ser Igreja. Hora de segredar às igrejas que como a mulher devem se tornar espaço habitável, espaço de gestação, espaço de nascimento, novo nascimento: tempo líquido, fluido, novo, dinâmico, inovador.

Hora de segredar às igrejas que como a mulher elas devem ser harmonia de espaço e tempo: ritmo de vida. Ser cúmplices no segredo da renovação. Ensinar-lhes a despir o manto, a expelir o que torna seu andar pesado, purificar-se de tudo que as torna madrastas. Apreender juntas, igreja-mulher, a recomeçar sempre de novo para renovar, para recriar.

Hora da mulher segredar o mistério de seu corpo que produz líquido, que produz alimento, de ser corpo que nutre outro corpo. Corpo que gera, acolhe, alimenta, defende, promove vida.

Hora da mulher segredar às Igrejas o segredo do Belo Pastor. Belo Pastor, belo porque se faz porta para entrar, belo porque não é ladrão, assaltante, belo porque conhece as ovelhas pelo nome, belo porque dá a vida e vida abundante. Belo Pastor porque é mistério de amor que vence a feiúra do mercenário (Jo 10,7-15).

Hora da mulher segredar e ensinar às Igrejas o mistério de fluidez, dinamismo, transformação. A de ser útero de misericórdia. A de ser mistério de feminilidade que é mistério de amor, efusão de amor, efusão da Ruah.

A hora da mulher viver a *diakonia* como:

• A mãe, a mulher no serviço da hora que transforma a água em vinho tornando a festa mais festa

• A samaritana no serviço da universalidade do crer e do amar que bebe ao poço da água viva

• Marta no serviço da intrepidez, da ousadia que faz suas as palavras da confissão: Tu és o Cristo

• Maria no serviço do bálsamo derramado, boa notícia de mulher até hoje

• A mãe, a mulher no serviço da oblação que oferece e acolhe

• Maria de Mágdala no serviço que busca, encontra, reconhece, anuncia.

Hora da mulher acordar – recordar seu mistério, ministério de feminilidade: efusão, transbordar da Ruah, sendo:

• Testemunhas da festa como vinho novo, bom e abundante

• Testemunhas da alteridade, reciprocidade, parceria universal na água viva

• Testemunhas da ressurreição na empatia das lágrimas, na intrepidez, na ousadia das palavras como em Betânia

• Testemunhas da Boa Notícia da mulher no bálsamo derramado que ensina, profetiza e perfuma até hoje

• Testemunhas da oblação, do amor, da glória através do sangue e água como aos pés da cruz

• Testemunhas da vida que vence a morte na busca, no reconhecimento, no envio, no anúncio como no jardim

Testemunhas no Espírito e como a Espírita, porque espírito, água e sangue estão presentes na mulher: três em um, no corpo da mulher, por isso o Senhor as escolheu para serem as primeiras testemunhas da vida que vence a morte, as escolheu para serem apóstolas, para dizer aos seus discípulos que Ele vive, para anunciar a Ressurreição.

Conclusão... Continuação...

Ensaio, principiar...

Ensaio, intuição, cheiro a ser perseguido...

Parece-me que os rastros, as pegadas estão aí...

Memória, recordar, ensinar tudo o que não podeis compreender... O papel do Espírito, aquele que Jesus derramou sobre nós do alto da cruz, do seu coração aberto.

Ousadia que me faz exclamar parafraseando o cardeal Martini: qual a beleza que salvará o mundo? Qual a beleza que salvará as Igrejas?

Bibliografia

PORCILE SANTISO, Maria Teresa, *Com occhi di donna*, Bologna, EDB, 1999.

RIBLA n. 17; 22; 25.

Tea Frigerio
Rua Veiga Cabral, 447
Belém – PA
66023-638
teamm@amazon.com.br